

Covid-19 e a ferida no útero, por Debora Diniz e Giselle Carino

O confinamento imposto pela pandemia aumentou as barreiras de acesso das mulheres pobres ao aborto clandestino por medicamentos

[\(El País | 27/06/2020 | Por Debora Diniz e Giselle Carino\)](#)

Ela foi descrita pela notícia como mulher anônima de 31 anos. O título dizia “[o caso aconteceu em Bom Jesus do Norte](#)”, uma geografia infeliz para quem morreu por planejar a vida. Ao que se sabe, ela foi a [primeira mulher a morrer de aborto clandestino no Brasil durante a pandemia](#). A mulher sem nome “estava grávida de dois meses”, diz o marido. Foi duas vezes buscar socorro em espaços de morte, as casas inseguras para aborto. Usou sonda, permanganato de potássio, seringas. Morreu de parada cardíaca. Por que insistia? Não sabemos e não importa a intimidade de suas razões. Bastar saber que era uma mulher decidida a não ser forçada à maternidade durante a pandemia.

[Acesse o artigo completo no site de origem.](#)